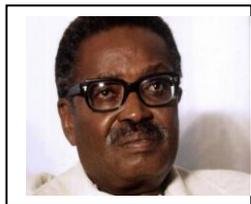


Análise do papel da mulher na poesia de Agostinho Neto (1922-1979) à luz de teorias psicanalíticas



Fátima Sampaio Fernandes*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7167-9952>

Resumo: Neste artigo, pretendo tratar a problemática da presença da figura da mãe, em geral, e da Mãe África, em particular, na poesia de Agostinho Neto. Quanto à metodologia utilizada, esta pesquisa se baseou na análise da obra *Trilogia Poética: Sagrada esperança, Renúncia Impossível, Amanhecer*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009 da autoria de Agostinho Neto, à luz de teorias psicanalíticas respeitantes à relação com o progenitor, nomeadamente o complexo de Édipo. A análise permitiu perceber uma relação muito próxima do sujeito poético com a mãe, metáfora de um continente violado por um pai-outro, o colono. É ao filho, sujeito poético, que cabe a função de salvar a mãe e substituir o pai na liderança da nação. Da pesquisa se conclui que a Grande Mãe África foi libertada pelos seus filhos, heróis e sábios, como António Agostinho Neto tão bem cantou na sua poesia, onde encontramos toda a complexidade da relação mãe/filho, da relação do homem com a terra, da relação do homem com o seu passado, da relação do poeta com o seu legado, da relação do homem com a sua história e com as expectativas e responsabilidades que recaem sobre ele.

Palavras-chave: Mãe; Mãe África; Complexo de Édipo; Colonização

Analysis of the role of women in the poetry of Agostinho Neto (1922-1979) in the light of psychoanalytic theories

Abstract: In this article, I intend to deal with the issue of the presence of the mother figure, in general, and Mother Africa, in particular, in the poetry of Agostinho Neto. As for the methodology used, this research was based on the analysis of the book *Poetic Trilogy: Sagrada Esperança, Renunciation Impossível, Dawning*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009 by Agostinho Neto, in the light of psychoanalytic theories concerning the relationship with the parent, namely the Oedipus complex. The analysis allowed us to perceive a very close relationship between the poetic subject and the mother, a metaphor for a continent violated by a father-other, the colonist. It is the son, a poetic subject, who is responsible for saving the mother and replacing the father in the leadership of the nation. From the research it is concluded that the Great Mother Africa was freed by her children, heroes and sages, as António Agostinho Neto sang so well in his poetry, where we find all the complexity of the mother/son relationship, of the relationship between man and the earth, of the man's relationship with his past, the poet's relationship with his legacy, man's relationship with his history and with the expectations and responsibilities that fall on him.

Keywords: Mom; Mother Africa; Oedipus complex; Colonization

* é a Diretora da Biblioteca da Academia BAI e Professora de Comunicação do ISAF/Academia BAI. É a Coordenadora de Teatro do ISAF e a Coordenadora do Consultório de Psicologia do ISAF/Academia BAI, aqui em Luanda, Angola. Tem um doutoramento em Literatura Portuguesa Contemporânea pela Universidade de Varsóvia, na Polónia, concluído em 2002, e duas licenciaturas: a primeira em ensino de Português e Inglês, pela UTAD, em Portugal, e a segunda em Psicologia da Saúde pela ULA, em Angola. É autora de várias obras poéticas e de banda desenhada; coordena a rubrica Consultório de Psicologia da Rádio LAC e é responsável pela rubrica "Bem-estar Mental" do Jornal Mercado. Email: ffernandes359@gmail.com

Analyse du rôle des femmes dans la poésie d'Agostinho Neto (1922-1979) à la lumière des théories psychanalytiques

Résumé: Dans cet article, j'entends traiter la question de la présence de la figure maternelle, en général, et de la Mère Afrique, en particulier, dans la poésie d'Agostinho Neto. Quant à la méthodologie utilisée, cette recherche s'est basée sur l'analyse du livre Trilogie poétique : Sagrada Esperança, Renonciation Impossível, Dawning, Luanda : União dos Escritores Angolanos, 2009 par Agostinho Neto, à la lumière des théories psychanalytiques concernant la relation avec le parent, à savoir le complexe d'Oedipe. L'analyse nous a permis de percevoir une relation très étroite entre le sujet poétique et la mère, métaphore d'un continent violé par un père-autre, le colon. C'est le fils, sujet poétique, qui est chargé de sauver la mère et de remplacer le père à la direction de la nation. De la recherche, il est conclu que la Grande Mère Afrique a été libérée par ses enfants, héros et sages, comme António Agostinho Neto l'a si bien chanté dans sa poésie, où l'on retrouve toute la complexité de la relation mère/fils, de la relation entre l'homme et la terre, du rapport de l'homme à son passé, du rapport du poète à son héritage, du rapport de l'homme à son histoire et aux attentes et responsabilités qui lui incombent

Mots-Clés: Maman; Mère Afrique ; Complexe d'Oedipe; La colonisation

Introdução

Iniciamos o debate discutindo que a teoria psicanalítica data do séc.XIX, por meio de estudos de um neurologista austríaco, Sigmund Freud que a partir da teoria conseguiu descrever a etiologia de transtornos mentais para além de explicar a motivação humana. Falando sobre a periodização de psicanálise, Zimmerman (2007) divide-a em três: psicanálise ortodoxa, psicanálise clássica e psicanálise contemporânea. Segundo o autor,

A psicanálise contemporânea, por sua vez, prioriza os vínculos – emocionais e relacionais – de amor, ódio e conhecimento, que permanentemente permeiam a dupla analítica. O modelo utilizado para essa inter-relação analítica guarda semelhança (o que não quer dizer igualdade) com aquele que caracteriza a primitiva relação da mãe com o seu bebê, e vice-versa; assim, os psicanalistas atribuem uma importância bastante mais significativa à influência da mãe real, no psiquismo da criança. (ZIMMERMAN, 2007, p.64).

A mulher, na poesia de Agostinho Neto, é representada como a companheira amorosa (Lemba, do poema “Caminho do mato” – “caminho das flores/ flores do amor”); a mulher embriagada e em busca de feitiço para prender o marido (em “Sábado nos musseques”); a quitandeira que vende laranjas e que se vende (em “Quitandeira”); mas é, acima de tudo, com muito maior frequência, prevalência, simbolismo e importância, a mulher “Mãe” (assim mesmo, tantas vezes, com letra maiúscula).

É esta figura que trazemos hoje para análise e reflexão: a figura da mãe na poesia de Agostinho Neto... e, porque se impôs na nossa análise, a figura do filho também! Afinal, a relação mãe/filho é uma das relações mais profundas, complexas e definidoras na psique de um indivíduo.

Vamos, pois, unir literatura e psicanálise na leitura da mãe na poesia de Agostinho Neto, tanto numa perspectiva junguiana do arquétipo universal da Grande Mãe, como numa visão freudiana de relação mãe/filho pessoal, individual, edipiana. Se a poesia de Agostinho Neto carrega sentimentos de luta, de amor, de paz e harmonia social que pode ser interpretada como **mecanismo de defesa** na qual Freud analisou. Freud valorizou, sobretudo, o mecanismo defensivo da repressão (a defesa mais evidente nas pacientes histéricas de que ele tratava), além de outras presentes nos quadros paranóides, como a projeção, na psicopatologia das fobias e neuroses obsessivas, como deslocamento, anulação, isolamento e formação reativa. (ZIMERMAN, 2007, p.65).

O conceito “mãe” traz-nos, desde logo, imagens, sensações, noções, recordações, lembranças, angústias, alegrias, uma pontada no coração, talvez. Isto porque a palavra está carregada de significados e simbolismo. Pensamos na nossa mãe, quer a tenhamos conhecido, quer não, pensamos na nossa experiência individual, enquanto filhos, enquanto mães, mas também nos apercebemos de que essa palavra carrega muito mais que a nossa experiência individual, talvez até muito mais que a experiência humana (as memórias “pré-humanas”, que Jung refere). Ora bem, “Carl Jung explica a recorrência destes «fantasmas» vindos dos primórdios da existência humana como sendo *arquétipos*, imagens que passam de geração em geração, que ultrapassam barreiras geográficas e culturais, através (...) [do] *inconsciente colectivo* (...) [onde] se encontram as grandes imagens primordiais, «as imagens humanas universais e originárias» [Jung, 1987, *apud* Fernandes, 2006]” (FERNANDES, 2006).

Explicam-nos Catiana dos Santos e Sílvia Paradiso (2020) que “a ideia de mãe sempre permeou a sociedade humana, criada e fortalecida através de um imaginário coletivo e social, quiçá, consciente e inconsciente. Tal ideia, com o passar das eras, foi se estabelecendo enquanto um arquétipo, desdobrando-se em ideias como «Grande Mãe» e «Mãe-Terra». O continente africano assumiu metaforicamente a roupagem dessas «mães», transformando-se na «Mãe África» (...) [figura recorrente] na cultura africana e afro-diaspórica”.

Carl Jung debruçou-se sobre o arquétipo da Grande Mãe, apresentando-o como um dos grandes modelos – atemporais, universais, pertencentes a um inconsciente

coletivo partilhado por todos os seres humanos, em todos os períodos – passados até nós de geração em geração, desde tempos imemoriais.

Carl Jung também refere os arquétipos masculinos, nomeadamente o Herói, o Pai, o Sábio, que são muito distintos da Grande Mãe, que gera, que cria, que nutre, que alimenta, que cuida, que protege, mas também que devora os filhos (não permitindo o seu crescimento e afastamento), e que espera, que sofre, que chora (se os filhos se afastam).

Os arquétipos materializam-se em símbolos, e é aí que reconhecemos e identificamos os arquétipos. A Terra é um símbolo deste arquétipo da Grande Mãe, tal como o é África, o princípio de tudo, o berço da humanidade, o local onde surgiu o primeiro homem, a Grande Mãe de toda a humanidade, de todos os homens. África das riquezas, da terra fértil, das minas cheias de ouros e diamantes, África-mulher, fecunda, que gera, que frutifica, que nutre, que dá, que distribui.

Pires Laranjeira (1995, *apud* SANTOS E PARADISO) diz-nos: “a África se mitifica como o grande continente de esplendorosas civilizações de onde irradiam para a diáspora de todo o mundo e cuja terra se constitui na grande *mater* da raça negra e por isso são comuns na poesia africana as expressões Mãe-África, Mãe-Terra e Mãe Negra”. Atemporal e universal, o conceito de “Grande Mãe” é particularmente visível e explícito na poesia de Neto, onde Mãe, África e Terra surgem recorrentemente interligadas.

África é Terra, território cultural e também político, que deverá ser reconquistado, recuperado; e África é mãe, uma noção maior que a de território ou fronteiras desenhadas no solo ou no papel, é a mãe que levou ao colo, que amamentou, que cantou, que ensinou a dançar, que murmurou cânticos, que matou o mosquito, que lavou a ferida, é a mãe dos poemas de Agostinho Neto¹:

Meia-noite na quitanda

(...)

Sá Domingas

Ela vende na quitanda à meia-noite

que o filho

está na estrada

precisa de cem mil réis

para pagar o imposto

O sol deixa Sá Domingas

¹ Todos os poemas aqui citados foram retirados de NETO, Agostinho, *Trilogia Poética: Sagrada esperança, Renúncia Impossível, Amanhecer*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009. Todos os sublinhados dos poemas apresentados neste artigo são meus.

na quitanda
e ela deixa o luar

Um tostão
dois tostões
três tostões
que o coração de Sá Domingas
sofre mais do que o corpo na quitanda.

Na obra de Zimmerman (2007, p.104) desenvolve-se uma discussão profunda sobre a “normalidade e patogenia da função materna”. Nas nove condições maternas destacamos apenas três: (i) “Ser provedora das necessidades básicas do filho (de sobrevivência física e psíquica: alimentos, agasalho, calor, amor, contato físico, etc.)”; (ii) “A função de a mãe conter as aludidas cargas de identificações projetivas está sendo reconhecida como a fundamental para a estruturação sadia da criança” e (iii) “presença continuada da mãe que **entende e atende** essas necessidades básicas do bebê vai propiciar para a criança um senso de continuidade, baseada na prazerosa sensação de que ela **continua a existir**” (ZIMERMAN, 2007, p.104, grifos do autor).

A Mãe presta-se a todos os sacrifícios, em prol do bem-estar do seu filho. A Mãe, na poesia de Neto, é a mãe que representa todas as mães; é a mãe negra, que carrega o maior sofrimento de todos, o de ver o seu filho a ser levado ou a ter de partir contra a vontade, o sofrimento de assistir, impotente, ao mal que é feito aos seus filhos:

SÁBADO NOS MUSSEQUES

(...)
Ansiedade
nas mães aos gritos
à procura dos filhos desaparecidos
(...)

Na mãe
que pergunta ao adivinho
se a filhinha se salvará
da pneumonia
na cubata
de velhas latas esburacadas
(...)

A Mãe que busca os seus filhos, aos gritos, é uma memória da terra, dos animais, faz parte da memória de todos quantos povoam o planeta, e o seu grito ultrapassa o tempo e todos os espaços e todas as espécies, dilacerante, angustiante, primitivo,

sagrado, divino. Essa memória resulta de uma educação. Para Jolibert (2010, p.16) “o ponto de partida do pensamento de Freud sobre a educação situa-se na confluência de dois questionamentos: um questionamento biológico e um questionamento histórico.” É nesse questionamento histórico onde se registra a memória que é fundamental para compreender o passado e poderá perspectivar o futuro.

Há cientistas que defendem a inexistência do presente. O presente se torna passado o tempo todo. Desta forma “a história individual infantil é marcante e seus traços subsistem, indelévels, no homem adulto. Essa primeira intuição foi sistematizada por Freud em seus trabalhos iniciais ao rejeitar sucessivamente a explicação **nervosa** dos transtornos mentais e ao refutar a suposição da neurose pela hereditariedade” (JOLIBERT, 2010, p.16, grifos do autor).

Entretanto, analisando a presença da mãe na poesia de Agostinho Neto à luz de Freud e do complexo de Édipo – Édipo que mata o seu pai, Laio, em combate, e casa com Jocasta, sua mãe, sem saber – não poderíamos deixar de observar o papel deste filho, o sujeito poético dos poemas de Agostinho Neto. Vejamos:

ADEUS À HORA DA LARGADA

Minha Mãe

(todas as mães negras cujos filhos partiram)

tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero

sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe

a esperança somos nós

os teus filhos

partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato



os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz eléctrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos



Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz

os teus filhos Mãe

(todas as mães negras

cujos filhos partiram)

Vão em busca de vida.

Cá temos o filho do complexo de Édipo da mitologia grega e de Freud: o filho que se apaixona pela mãe, por quem morrerá, se necessário for, e que lutará contra o pai, para assumir a soberania, o destino. O filho que partiu “em busca de luz”, “em busca de vida”, e que representa agora a esperança (“Sou eu, minha Mãe/ a esperança”). Como

Édipo, obrigado a afastar-se de sua mãe, o poeta também foi afastado para outro continente, mas agora regressa a casa, para assumir a liderança da mesma.

Se a mãe é África, o pai será a Europa, potência colonizadora, violadora, invasiva, violenta, estupradora:

ASSIM CLAMAVA, ESGOTADO

Não direi nada

Nunca fiz nada contra a vossa pátria

Mas vós apunhalastes a nossa

(...)

Contra este pai, que “apunhalaste a nossa [Mãe/ Pátria]”, o filho insurgir-se-á, para salvar a mãe, para o substituir, para assumir o comando da nação. Essa ideia foi expressa com veemência por Klein (1991 e 2002). Klein descobriu que a ansiedade suscitada por essas primitivas relações de objeto pode exercer uma constante influência nas posteriores e na forma do complexo de Édipo. Klein concluiu que o conflito entre agressividade e libido, bem conhecido a partir da análise de adultos, provou ser muito mais intenso nos estádios primitivos do desenvolvimento. Por outro lado, Klein notou que não só a ansiedade (de acordo com a última teoria de Freud a respeito de ansiedade) é devida mais à ação da agressividade do que à da libido, bem como que era primariamente contra a agressividade e a ansiedade que as defesas eram erguidas. (SEGAL, 1975, p.14). Vejamos o exemplo a seguir que demonstra as relações agressivas entre o colonizado e o colono. Observa-se o desequilíbrio do bem estar entre os europeus e africanas e há um clamor de liberdade. Vejamos os versos:

NA PELE DO TAMBOR

As mãos violentas insidiosamente batem
no tambor africano
e a pele percutida solta-me tam-tams gritantes
de sombras atléticas
à luz vermelha do fogo de após trabalho

Esmago-me da pele batida do tambor africano
vibro em sanguinolentas deturpações de mim mesmo

à vontade das percussões alcoólicas
sobre a pele esticada do meu cérebro

Onde estou eu? Quem sou eu?

Vibro no couro pelado do tambor festivo
em europas sorridentes de farturas e turismos
sobre a fertilização do suor negro
nas áfricas envelhecidas pela vergonha de serem áfricas
nas áfricas renovadas do brilho firme do sol e da transformação
sedosa e explosiva do universo

dentro do movimento de mim mesmo na vibração ritmada
da pele cerebral do tambor africano
ritmada para o esforço de dançar a dança suave das palmeiras

Vibro
em áfricas humanas de sons festivos e confusos
(que línguas pronunciais em mim irmãos
que não vos entendo neste ritmo?)

Nunca me pensei tão perverso
ó impureza criminosa dos séculos coloniais
(que história é essa da lebre e da tartaruga
que contas neste novo ritmo de fogueira
à noite
minha avozinha de pele negra de África?)



Mas não tão longe nem tão perverso
quanto as vibrações
da pele do meu cérebro
esticada no tambor das minhas mãos
pela África humana

(...)

Há, nos versos que acabamos de apresentar, uma luta interna: no interior do sujeito poético, enquanto indivíduo, e no interior da sua comunidade, do seu povo, do seu país, do continente africano: “que história é essa da lebre e da tartaruga (...) minha avozinha de pele negra de África?”. África aparece subjugada pela narrativa colonial secular (já na voz da “avozinha”), do “outro”, desse pai colonial estuprador de um continente feminino, materno, Mãe África. A colonização torna-se mais perversa quando transparece, apropriada, no discurso dos próprios africanos.

A resposta será encontrada pelo sujeito poético na “minha África (...) continente que nasce fora dos abismos escurecidos da negação”:

(...)

As mãos entrelaçadas sobre mim
em gozo de vida em gargalhadas em alegrias
de lagos libertados por amplos verdes
para os mares
dão-me o tom da minha África
dos povos negros do continente que nasce
fora dos abismos escurecidos da negação
ao lado de ritmos de dedos congestionados
sobre a pele envelhecida do tambor
dentro do qual vivo e vibro e clamo:

AVANTE!

Esta é uma luta que se impõe no processo de autonomização do indivíduo, do homem e de um povo! Como a psicanálise nos ensina, esse caminho é duro, cheio de dor, luta, sacrifícios, mas imparável. O corte com o pai, a rivalidade, agudiza-se mais ainda quando a figura paterna é a de uma entidade opressora, subjugadora, que toma a “Mãe” pela força, pela violência. Só o filho a poderá salvar, com uma nova narrativa, buscada n’ “o tom da minha África/ dos povos negros”, no tom, na voz de um continente que insiste em levantar-se “fora dos abismos escurecidos da negação”, na voz genuína de quem conhece a sua origem e celebra as suas raízes, feita de rimos, tambores, gargalhadas, verdes e mares.

A esperança de libertação, de recuperação da essência materna, da alma deste povo, é trazida pelo homem, “aquele por quem se espera”. O filho homem, o guerreiro que vai em busca de liberdade:

CONFIANÇA

(...)

**As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão.**

Ou mesmo:

AQUI NO CÁRCERE

(...)

Aqui no cárcere
a raiva contida no peito
espero pacientemente
o acumular das nuvens
ao sopro da História

Ninguém Impedirá a chuva.

O filho surge como aquele que resgatará a Mãe, a salvará, recuperando a sua dignidade e a sua grandeza, resgatando a sacralidade da terra, da “Mãe África”:

À RECONQUISTA

Não te voltes demasiado para ti mesma
Não te feches no castelo das lucubrações infinitas
Das recordações e sonhos que podias ter vivido

Vem comigo África de calças de fantasia
desçamos à rua
e dancemos a dança fatigante dos homens
o batuque simples das lavadeiras
ouçamos o tam-tam angustioso
enquanto os corvos vigiam os vivos
esperando que se tornem cadáveres



vem comigo África dos palcos acidentais
descobrir o mundo real
onde os milhões se irmanam na mesma miséria
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade

Vem comigo África de colchões de molas
e reentremos na casinha de latas esquecidas no musseque da Boavista
até onde já nos empurram
ao nos quebrarem as casas de meia água de Cayette
e à volta de fogo consolador das nossas aspirações mais justas
examinaremos a injustiça inoculada no sistema vivo em que giramos.

Vem comigo África de colchões de esmola
regressemos à nossa África
onde temos um pedaço da nossa carne calcado sob as botas dos magala
– a nossa África

Vem comigo África do jitterburg
até a terra até o homem até o fundo de nós

ver quando de ti e de mim faltou
quanto da África esqueceu
e morreu na nossa pele mal coberta sob o fato emprestado
pelo mais miserável dos ex-fidalgos

Não chores África dos que partiram
olhemos claros para os ombros encurvados do povo que desce a calçada
negro negro de miséria negro de frustração negro de ânsia

e dêmos-lhes o coração
entreguemo-nos

através da fome da prostituição das cubatas esfuracadas
das chanfalhadas dos cipaios
através dos muros das prisões através da Grande Injustiça

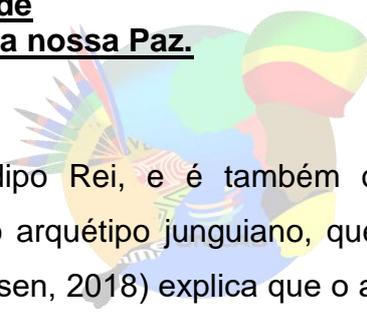
Ninguém nos fará calar

Ninguém nos poderá impedir

O sorriso dos nossos lábios não é agradecimento pela morte
com que nos matam.

Vamos com toda a Humanidade

Conquistar o nosso mundo e a nossa Paz.



O sujeito poético é Édipo Rei, e é também o filho que se afasta da Mãe devoradora, o lado sombrio do arquétipo junguiano, que não permite o crescimento do filho. [Neumann (1995, *apud* Olsen, 2018) explica que o arquétipo da Grande Mãe é “uma das fases no desenvolvimento progressivo do ego”, onde temos a criança pequena que a mãe cuida e alimenta, da qual o ego se irá separando e o indivíduo assumindo autonomia. Assistimos à regressão quando indivíduo é tentado a regressar à libido, que sempre acompanha os efeitos arquetípicos da Grande Mãe]. É preciso independência, heroísmo, para se trilhar um caminho autônomo, como faz o sujeito poético de Neto.

Para terminar, recordemos o poema “Havemos de voltar”, de Agostinho Neto, onde o filho anuncia a salvação da Mãe do jugo imperial e o regresso ao seio da mesma, Mãe Terra, Mãe África, Mãe Angola, riquíssima, fértil, imensa, plena, sagrada:

HAVEMOS DE VOLTAR

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar

às nossas terras
vermelhas do café
brancas do algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
Às montanhas, às florestas
Havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissangue
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
Havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente



A Grande Mãe África foi libertada pelos seus filhos, heróis e sábios, como António Agostinho Neto tão bem cantou na sua poesia, onde encontramos toda a complexidade da relação mãe/filho, da relação do homem com a terra, da relação do homem com o seu passado, da relação do poeta com o seu legado, da relação do homem com a sua história e com as expectativas e responsabilidades que recaem sobre ele.

Como pudemos ver, a poesia de Agostinho Neto canta, reiteradamente, a figura da Mãe, que representa a sua pátria e, de forma mais alargada, o continente africano. Violada pelo colono, Mãe África viu os seus filhos arrancados do seu seio, escravizados, subjugados, exilados, torturados, mortos. Mesmo longe, os filhos podiam ouvir o pranto angustiado da sua mãe, da sua terra, violentada, usada e explorada pelo outro, o colono, a figura patriarcal por excelência. Ao filho só lhe resta a luta armada, o regresso à terra, para matar/derrotar/expulsar o pai e ocupar o lugar de chefe legítimo da sua nação, nova e soberana. Como Édipo Rei, o sujeito poético luta com o pai e ocupa, finalmente, depois

de séculos de opressão, o lugar inevitável ao lado de sua mãe, governando a terra, o reinado que lhe pertence por direito, e do qual havia sido afastado, rejeitado, largado para morrer.

Na poesia de Agostinho Neto, assistimos ao filho que se faz homem e que regressa para governar, não deixando nunca de assegurar ao seu povo e à sua sofrida Mãe Pátria de que nada, mesmo nada, o poderá parar, já que “Ninguém impedirá a chuva”!

Referências

FERNANDES, Fátima. *A bruxa e a poesia*, Luanda: Chá de Caxinde, 2006.

FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*, Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

JOLIBERT, Bernard. *Sigmund Freud*. Trad. Elaine Teresinha Dal Mas Dias. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4683.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

KLEIN, M.. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras* Tomo II. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

NETO, António Agostinho. *Trilogia Poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível, Amanhecer*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

OLSEN, Monique (2018), *Grande Mãe*, 2018. Disponível em: <https://www.ligajunquiiana.co.br/post/grande-mãe>. Acesso em: 15 dez. 2021.

RODRIGUES, José Paz. Agostinho Neto, poeta, médico e importante político angolano. 15 jan.2020. (Fonte da Foto). Disponível em: <<https://pgl.gal/agostinho-neto-poeta-medico-politico-angolano/>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SANTOS, Catarina Sampaio dos; PARADISO, Sílvio Ruiz, “A África-mãe, a Mãe Angola: o arquétipo materno na poesia de Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Alda Lara”, *Revista África e Africanidades* – Ano XII – n.º 33, Fev. 2020.

SEGAL, Hanna. *Introdução À Obra De Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975. Disponível em: <<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/introducao-a-obra-de-Melanie-Klein.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <<https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Zimmerman-Fundamtnos-psicanaliticos.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 23/12/2021

Para citar este texto (ABNT): FERNANDES, Fátima Sampaio. A mulher na poesia de Agostinho Neto. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.78-92, dez.2021.

Para citar este texto (APA): Fernandes, Fátima Sampaio. (2021, dez.). A mulher na poesia de Agostinho Neto. Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 78-92.